

/artigos

A fundamentação do conceito de ideologia de Žižek na psicanálise de Lacan

Allysson Alves Anhaia¹

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

<https://orcid.org/0000-0002-1757-0400>

alves.anhaia@hotmail.com

Resumo: O conceito de ideologia em Slavoj Žižek tem como fundamento noções da psicanálise, sobretudo da teoria do discurso analítico de Jacques Lacan. Para o filósofo, a ideologia funciona como uma máscara social, como uma fantasia que age nos níveis do imaginário e do simbólico de maneira que molda a realidade dos sujeitos e os distancia do encontro traumático com o real. Desta forma, o objeto deste artigo é demonstrar como se dá a fundamentação do conceito zizekiano de ideologia na psicanálise de Jacques Lacan com o objetivo de explicitar as influências e implicações da ideologia na contemporaneidade. A partir desta compreensão a respeito da noção de ideologia é possível analisar como se dá a atividade das diferentes ideologias nas sociedades atuais, bem como a influência delas nas relações interpessoais, na subjetividade dos sujeitos contemporâneos, de modo que a crítica à ideologia seja mais pertinente e voltada para a contemporaneidade.

Palavras-chave: Ideologia; Fantasia; Cinismo; Simbólico; Psicanálise.

¹ Membro do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF, é doutorando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), onde fez Mestrado (2021) integrando a linha de pesquisa de Filosofia da psicanálise e teve período de Estudos com bolsa do programa Erasmus na *Katolische Privat Universität Linz*, na Áustria. É licenciado em Filosofia (2018) pela mesma instituição. Pesquisa a relação entre a psicanálise, sobretudo lacaniana, com o campo político a partir de autores da chamada esquerda lacaniana, além de se dedicar a temas como o acontecimento, ideologia e o sujeito descentrado, bem como as implicações de uma leitura da atualidade a partir do ponto de vista do desejo.

Abstract: Slavoj Žižek's concept of ideology is reasoned on concepts of psychoanalysis, especially in Jacques Lacan's theory of analytic discourse. For the philosopher, ideology functions as a social mask, as a fantasy that acts on the imaginary and symbolic levels in a way that shapes the reality of the subjects and the distance from the traumatic encounter with the real. Thus, the object of this research was to demonstrate the foundation of the zizekian concept of ideology in Jacques Lacan's psychoanalysis with the purpose of explaining the influences and implications of ideology in contemporary times. From this understanding of the notion of ideology it is possible to analyze how the activity of the different ideologies in today's societies, as well as their influence on interpersonal relations, on the subjectivity of contemporary subjects, so that the critique of ideology is more pertinent and focused on contemporaneity.

Keywords: Ideology; Fantasy; Cynicism; Symbolic; Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

É uma constante na obra de Slavoj Žižek o paralelo entre a psicanálise e a filosofia política, uma vez que para ele as noções clássicas da análise política já não dão conta da complexidade da contemporaneidade. Desta forma, ele articula, a partir de conceitos da obra de Lacan, uma teoria política que é, em um primeiro momento, mais voltada para a subjetividade dos indivíduos — justamente pela estrutura da clínica lacaniana — e para as relações horizontais do que para relações de poder e econômicas. Apesar das análises do filósofo serem realizadas em um nível que aparenta distanciá-lo da filosofia política, elas são utilizadas para fundamentar suas posições em uma sociedade de espetáculo, de consumo e de capitalismo tardio. À vista disto, se faz necessário compreender como se dá a relação entre psicanálise e filosofia política na obra de Žižek a partir da noção de ideologia, uma vez que é através dessa noção que o filósofo utiliza a teoria lacaniana para discorrer sobre a subjetividade dos indivíduos, de forma que é possível analisar de que maneira a psicanálise

lacaniana serve como fundamento para o aspecto político de sua teoria. Sendo assim, este artigo tem por objetivo, em um primeiro momento, explicar de que modo o filósofo esloveno se apoia² nos conceitos de desejo e fantasia de Lacan para definir a ideologia como uma fantasia social, uma vez que a relação entre eles seria aquilo que possibilitaria ao sujeito apreender a realidade. Já em um segundo momento, explicitaremos a utilização da fantasia lacaniana como ideologia, mais precisamente como a fantasia social, bem como as relações entre a ideologia e a subjetividade dos indivíduos, que são lidas em Žižek pelo intermédio da civilidade. Ou seja, será tema de discussão a ideologia zizekiana enquanto aquilo que fundamenta a realidade dos indivíduos através da articulação entre o desejo, a fantasia e a tríade imaginário, simbólico e real. Em outras palavras, é nosso objetivo evidenciar de que forma o filósofo esloveno se vale da psicanálise lacaniana para afirmar que a ideologia é inseparável da maneira com que o sujeito compreende o mundo, de modo que além de a ideologia ser o que possibilita a apreensão do mundo por parte do sujeito, é ela também que torna possíveis as relações sociais. À vista disso, será abordada a relação entre a noção de cinismo e a de civilidade apresentadas pelo filósofo esloveno como sendo o querer livremente aquilo que é imposto ou ainda o conjunto de regras que se deve desejar fazer. Além disso serão analisados os efeitos que essas noções têm na subjetividade dos indivíduos e como tornam a civilidade possível a partir de suas normas e gestos, bem como o entendimento de que o cinismo é o fundamento para a prática de atos ideológicos que são percebidos e aceitos como não ideológicos.

² É bem verdade que Žižek faz uma leitura muito própria de Lacan, na qual muitas vezes deliberadamente altera, aumenta ou diminui conceitos, interpretações e noções do psicanalista francês. Entretanto, nosso objetivo aqui não é o de apontar ou esclarecer os excessos, faltas ou tropeços na leitura que o esloveno faz de Lacan, mas, por outro lado, é sempre importante advertir ao leitor que os conceitos abordados nesse texto se mostram mais zizekianos do que lacanianos. Ainda assim, consideramos importante estabelecer esse vínculo entre teoria política e a psicanálise a partir de um dos autores de filosofia mais lidos e de maior evidência — pelo menos na década passada — mesmo sob o risco de repetir seus “erros” e vícios de leitura.

2. DESEJO E FANTASIA

Para Žižek, além de a ideologia ser, por intermédio da ordem do simbólico, aquilo que mantém a distância dos indivíduos da ordem do real³, é ela também o que torna objetos em “objetos mais do que objetos” (ŽIŽEK, 2008, p. 107). Ele segue Lacan ao alegar que a simbolização dos objetos, feita a partir do simbólico — que é o que nos permite retirar do real a noção de realidade — é produzida por uma operação significativa, na qual deve-se destacar a distância entre a nomeação dos objetos e a identidade deles, isto é, a nomeação dos objetos implica uma lacuna entre o núcleo do real e a simbolização, na qual os objetos podem ser simbolizados de várias maneiras distintas, enquanto o real de nenhuma. Desta forma, o real não oferece suporte adequado para uma simbolização, de modo que é o significante puro⁴ o que permite a percepção de uma realidade, uma vez que “não é o objeto real que garante o ponto de referência de identidade e união da experiência à ideologia, pelo contrário: é a referência ao significante puro que garante a identidade da realidade histórica”⁵ (ŽIŽEK, 2008, p. 108).⁶

³ O conceito de real em Žižek é o mesmo que em Lacan, isto é, o real é aquilo que escapa à simbolização, aquilo que não cessa nunca de não se inscrever. Enquanto o imaginário é o campo da captura e apreensão das imagens e o simbólico é o dos símbolos, regras, convenções e linguagem, o real é o campo da efetividade, mas que tem sempre que ser intermediado pelo imaginário ou pelo simbólico. Assim, a falta que o real suscita é uma falta em relação aos outros campos que não têm capacidade de apreendê-lo em sua completude, assim como indica Lacan (2010, p. 128), em seu segundo seminário, ao afirmar que o real é sem fissura, isto é, no real não há falta e a falta só é sentida a partir dos registros do simbólico e do imaginário.

⁴ Significante puro, em Žižek, é a forma independente do significante, na qual ele passa a significar sem um significado, o que faz com que os objetos não necessitem de signos ou referências para sua simbolização, de forma que eles significam a partir do desejo e sem relação com algum outro objeto ou sujeito. É uma apropriação direta da teoria do significante que Lacan obtém ao fazer uma espécie de inversão da teoria linguística de Saussure que garante a unidade do Significante e do significado no signo linguístico.

⁵ *“It is not the real object which guarantees as the point of reference the unity and identity of a certain ideological experience — on the contrary, it is the reference to a 'pure' signifier which gives unity and identity to our experience of historical reality itself”* (ŽIŽEK, 2008, p. 108).

⁶ Todas as traduções não referenciadas foram feitas pelo autor deste artigo.

Essa simbolização inicia uma lógica em que o mundo é entendido não mais pelo conjunto da riqueza das palavras com seus significados, mas sim pela palavra no nível do significante puro, que incrementa identidade aos objetos, que se referem e se conhecem em sua unidade. Logo, as coisas se invertem a partir da simbolização: o que se torna importante não é mais a conotação ideológica através da qual algo pode influenciar alguém ou alguma coisa, mas sim a característica de a identidade das coisas ser construída a partir da identificação com os significantes. Žižek exemplifica isto a partir do refrigerante *Coca-Cola*: para ele, o ponto não é a experiência ideológica dos Estados Unidos da América que o refrigerante contém, mas sim a visão de identidade alcançada pelos Estados Unidos da América por se identificar com o significante *Coca*. Assim, ele afirma que essa relação entre simbolização e significante culmina na elevação de simples objetos, como a *Coca-Cola*, a objetos sublimes, que podem ser comparados aos objetos causa de desejo de Lacan. Segundo Žižek (2008, p.106):

[...] A Coca-Cola conhece primeiro o “Espírito da América”, e esse “Espírito da América” (o conjunto de supostos recursos para expressá-los) é então condensado na Coca-Cola, como seu significante, significante representativo: o que obtemos dessa inversão simples é precisamente o desejo excedente, o objeto-causa do desejo, aquela “coisa inatingível” que é “em Coca-Cola mais do que Coca-Cola” [...].⁷

O desejo em Žižek é tratado do mesmo modo que em Lacan, para quem ele está relacionado com a libido, de maneira que o desejo segue a estrutura de um desejo sexual. Desta forma, as relações sujeito e objeto são gerenciadas pelo desejo, já que nestas relações o objeto não é correlato ou correspondente da necessidade do sujeito, mas é algo que suporta o sujeito no

⁷ “[...] Coke first connotes ‘the spirit of America’, and this ‘spirit of America’ (the cluster of feature supposed to express it) is then condensed in Coke as its signifier, its signifying representative: what we gain from this simple inversion is precisely the surplus-X, the object-cause of desire, that ‘unattainable something’ which is ‘in Coke more than Coke’ [...]”.

momento em que ele tem de se enfrentar e pôr em jogo sua existência no sentido mais radical, isto é, no sentido em que ele existe na linguagem. Em Lacan, o sujeito sempre aliena seu desejo em um signo que é uma promessa, em algo que comporte uma perda possível. Devido a isto, o desejo está sempre ligado a uma dialética de falta. Desse modo, o objeto, para Lacan (2016, p. 100), constitui algo que está fora do sujeito, e que ele só pode apreender em sua natureza própria de linguagem, no momento em que, em sua condição de sujeito, tem de se apagar e desaparecer por detrás de um significante. Neste momento é que o sujeito tem de se apegar a algo, e ele se apegando justamente ao objeto enquanto objeto de desejo. Assim, quando o sujeito não pode se manter na presença do objeto, ele sofre uma volatilização. Isso não quer dizer apenas que o sujeito vê seu desejo se deslocar de objeto para objeto, mas que o próprio deslocamento é aquilo que mantém a possibilidade de equilíbrio do desejo, já que o deslocamento “trata-se, diria eu, de impedir a satisfação e, ao mesmo tempo, conservar um objeto de desejo. Por outro lado, porém, é também, por assim dizer, um modo de simbolizar a satisfação” (LACAN, 2016, p. 121).

Além disso, para Lacan, o desejo também está relacionado com a linguagem, com a relação entre sujeito e significante e, sobretudo, com a implicação do sujeito no significante. Contudo, o primeiro encontro do sujeito com o desejo se dá no outro, porque é ele que permite ao sujeito ultrapassar a articulação da linguagem. Nas palavras de Lacan (1998, p. 269): “[...] em parte alguma evidencia-se mais claramente que o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do Outro, não tanto porque o Outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro”. Isso quer dizer que é a figura do outro que evoca ou não a presença do significante na fala, uma vez que o significante só existe em relação à diferença para com outros significantes. Lacan articula sua noção de desejo

por intermédio do olho⁸, que, para ele, é o responsável pela captura e percepção do mundo a partir da luz. Ora, quando o olho recebe as ondas de luz o quadro da percepção do mundo pinta-se em seu interior, contudo, o sujeito a quem o olho pertence também está no quadro. O que se mantém fora do quadro é o ponto de olhar, é o outro, que é aquilo a partir do que se enxerga o sujeito. O outro no ponto de olhar, que está fora do olho, é aquilo que permite que além de o sujeito enxergar ele seja também enxergado, mas não visto de fato⁹. Logo, esse ponto fora do olho faz o papel de anteparo, faz com que o sujeito se contenha e que se faça apenas como uma mancha no quadro no interior do olho.

De acordo com Lacan, a diferença entre o olho e o ponto do olhar permite que o sujeito faça frente a seu desamparo em relação ao outro e seu desejo. O sujeito se defende desse desamparo utilizando o recurso imaginário que, diferentemente do que se dá em relação à dialética do olho e do olhar, é flexível em relação ao outro. A partir disso, o sujeito, enquanto aquele que é olhado, não reflete mais somente o seu aparecimento para outro, mas passa a refletir ele mesmo como sujeito falante, e, segundo Lacan (2016, p. 28), “É por isso que lhes designo aqui como lugar de saída, como lugar de referência por onde o desejo vai aprender a se situar, é a fantasia”. Isto porque o sujeito utiliza a ordem do imaginário para alocar o desejo e a falta que ele evoca, fazendo com que ele se coloque em um estado no qual o desejo é possível em sua plenitude, isto é, sem a falta que é inerente a ele. Ou seja, a fantasia é o lugar de saída do desejo porque ela inibe a falta e torna o desejo possível. Sendo assim, a função da fantasia é gerenciar a relação do sujeito com o outro e com a real, além de dar ao desejo do sujeito seu nível de acomodação. Ela é,

⁸ O olho como órgão é tomado em dialética semelhante à do falo, mais precisamente em relação à falta e à insuficiência que ele evoca. Segundo Lacan (1985, p. 103): “É na medida em que, no coração da experiência do inconsciente, lidamos com esse órgão — determinado no sujeito pela insuficiência organizada no complexo de castração — que podemos entender em que medida que o olho é tomado por semelhante dialética”.

⁹ Lacan (2016, p. 29) exemplifica isso com a expressão em inglês *to overlook*, que, segundo ele, no sentido etimológico faz referência a não ser notado, passar batido, ser esquecido. Literalmente, quer dizer que o olho como ponto de olhar passa por cima do sujeito e não o nota.

para Lacan, a pedra de toque do desejo, é o que mantém a existência e com que o sujeito continue a ser um sujeito que fala.

Juranville pontua (1987, p. 167) que “a fantasia é o modo segundo qual se efetua o relacionamento entre o desejo e o objeto e, mais exatamente, o lugar de constituição do objeto”. O objeto se constitui na fantasia a partir do encontro com o desejo do outro, no qual o sujeito se coloca como objeto e este objeto é a parte do sujeito que importa para o outro, de forma com que, mesmo que não haja uma separação de fato, o sujeito vive uma experiência de separação em si. Contudo, o desejo do sujeito continua progredindo em direção ao outro e se choca com a falta, uma vez que a plenitude que o sujeito enxergava no outro é da ordem do imaginário. Isso permite o entendimento de que o desejo humano apresenta a propriedade de estar fixado e adaptado precisamente não a um objeto, mas sempre e essencialmente a uma fantasia, uma vez que ela sustenta o desejo e oferece a ele seus objetos. Entretanto, a fantasia não existe simplesmente em relação ao objeto, é também algo que corta, um certo esvaziar-se do sujeito em relação ao objeto, que faz com que ela satisfaça uma acomodação, uma fixação do sujeito em presença de algum objeto que tenha algum valor a nível de desejo. Segundo Lacan (2016, p. 242):

Lembro que é sempre imprescindível encontrarmos nela, a relação do $\$$ ¹⁰ diante do *a* minúsculo, que é a fórmula da fantasia e que implica que, na sua relação com o objeto, o sujeito se revele, no final das contas, como aniquilado. Como indica nosso último esquema, essa fórmula inscreve-se, por sua vez numa relação quádrupla, que nos mostra como esse sujeito chega a dar uma forma ao que ele mesmo é no desejo, a saber, um sujeito barrado fundamentalmente *pallide*, fundamentalmente angustiado. Faz isso se substituindo pela imagem do outro, *i(a)*, ou seja, as sucessivas identificações que virão a se chamar o eu.

Para Lacan (2016, p. 159), a fantasia é o lugar onde o ser do sujeito se exprime de maneira fechada. Isto porque a fantasia é algo imaginário, ou seja,

¹⁰ Esse símbolo representa, na álgebra lacaniana, o sujeito barrado pelo significante, que é justamente o sujeito que fala e que faz sua imagem mediante a sua dessubstanciação por detrás do significante.

ela propicia uma ligação entre o inconsciente e a realidade do sujeito, ela se faz entre o enunciado da intenção do sujeito e a enunciação, na qual o sujeito lê sua intenção de forma extremamente decomposta e desmontada pela língua, exigindo uma separação violenta do objeto. Como consequência, a visão de mundo do sujeito implica em aspectos menos humanos, nos quais ele e o outro estão sempre envolvidos. Isso faz com que a fantasia seja sempre mais enigmática do que qualquer outra coisa, e para interpretá-la, deve-se também interpretar o desejo. Cabe à fantasia, também, o papel de anteparo que separa o sujeito da ameaça do real, expondo sua importância fundamental como aquilo que sustenta a relação do homem com o mundo e com o outro, de forma que é a fantasia que torna o mundo interessante para o sujeito, por intermédio do encontro com o objeto *a*. Isto leva Lacan (1998, p. 560) a concluir que “[...] é como representante da representação na fantasia, isto é, como sujeito originalmente recalcado, que o \$, S barrado do desejo, suporta aqui o campo da realidade, e este só se sustenta pela extração do *objeto a* que, no entanto, lhe fornece seu enquadre”. Nesse sentido, pode-se dizer que, em Lacan, a fantasia é um elemento que sustenta a realidade, por intermédio do outro e do desejo, ele que faz, através do imaginário e do simbólico, uma captura e o disfarce do real, de modo a sustentar as relações e a visão de mundo do sujeito para que ele não seja consumido pelo vazio e pela falta evocada pelo núcleo do real.

3. FANTASIA E IDEOLOGIA

A partir do exemplo da *Coca-Cola* proposto por Žižek pode-se encontrar as implicações sociais da fantasia lacaniana, como o movimento em que a fantasia capitalista toma forma nas práticas sociais, como sintoma da fantasia subjetiva, e como aquilo no que o sujeito encontra sua identificação e do mundo. Em outras palavras, é através da ideologia como fantasia que o

sujeito apreende o mundo e sua própria identidade. Dessa forma, “a função da ideologia é fornecer aos homens e mulheres uma sequência cênica fantasista/fantasmática da possibilidade de sua própria condição social. Em síntese, é uma visão idealizada de uma ‘sociedade’ que não pode existir” (GARCÍA e SÁNCHEZ, 2008)¹¹. Neste sentido, Žižek, ao se referir à travessia da fantasia, alega que atravessar essa fantasia, paradoxalmente, refere-se ao fato de o sujeito se identificar totalmente com ela. Ou seja, ao mesmo tempo que ele se submete à carência simbólica que revela o limite da realidade diária, ele também tem uma relação mais próxima do núcleo real da própria fantasia, que transcende a ordem do imaginário e a própria realidade. Segundo ele (ŽIŽEK, 2003, p. 32):

Uma fantasia é simultaneamente pacificadora, desarmadora (pois nos oferece um cenário imaginário que nos dá condição de suportar o abismo do desejo do outro) e destruidora, perturbadora, inassimilável na nossa realidade. [...] Isso quer dizer que a dialética do semblante e do real não pode ser reduzida ao fato elementar de que a virtualização de nossas vidas diárias, a experiência de vivermos cada vez mais em um universo radicalmente construído, gera a necessidade urgente de “retornar ao real” para encontrar terreno firme em alguma “realidade real”. O real que retorna tem seu status de outro semblante: *exatamente por ser real, ou seja, em razão de seu caráter traumático e excessivo, não somos capazes de integrá-lo em nossa realidade (no que sentimos como tal) e portanto, somos forçados a senti-lo como um pesadelo fantástico* (ŽIŽEK, 2003, p. 33).

Isso porque, em Žižek, a ideologia através da fantasia é inseparável da realidade de tal forma que se o indivíduo tenta despir-se dela, ultrapassá-la, ele acaba também ultrapassando sua própria noção de realidade, a ordem do imaginário e a do simbólico, restando apenas o real como experiência de realidade. Entretanto, como o real é traumático, vazio e não oferece suporte

¹¹ “The function of ideology is to provide men and women with a fantasied/phantasmatic scenic sequence of the possibility of its own social condition, in synthesis, ideology provides an idealized vision of a ‘society’ that cannot really exist” (GARCÍA e SÁNCHEZ, 2008).

para o sujeito no que concerne à linguagem abstrata e à simbolização, ele não consegue finalizar a operação de abandono da ideologia, porque além de ela ser inseparável da realidade, é ela também que a suporta — da mesma maneira que a fantasia suporta o desejo. Logo, ao indivíduo que busca livrar-se da ideologia, se apresentam duas saídas: a primeira é a tentativa e a falha causada pelo encontro com o núcleo traumático do real; a segunda é a adaptação da ideologia como uma realidade real, em uma perspectiva possibilitada pelo cinismo, que enxerga a contemporaneidade como uma era pós-ideológica.

Além disso, a fantasia tem, para Žižek (2008, p. 132), em meio às suas relações com o desejo, o papel de ensinar aos indivíduos como desejar. Isto se dá através do hiato existente entre a simbolização, tanto de viés imaginário quanto simbólico, do real. Isto é, para o filósofo, um nome só se refere a um objeto através de sua simbolização, que não oferece nenhuma ligação com o objeto em si — uma vez que o objeto real não oferece nenhum suporte para tal, porém tem capacidade de inferir identidade de forma retroativa através da cadeia de significantes. Ele utiliza como exemplo da capacidade de simbolização através da cadeia de significantes o caso do povo judeu (ŽIŽEK, 2008, p.106-110), que no período da Alemanha nazista, sofreu uma simbolização na qual se creditava a ele a causa de todos os males daquela sociedade. Segundo Žižek, isto ocorreu porque o único modo de uma realidade obter unidade é através de um agente puro de simbolização, que não é um objeto real que garante unidade e identidade à realidade, mas que garante essas qualidades para o sujeito que experiencia tal realidade. Esse agente puro é o significante de Lacan, na sua qualidade de anterioridade, de significar sem significado. Sendo assim, a partir do significante as identidades são empregadas de forma retroativa, como, por exemplo, no caso dos judeus: eles são o mal da sociedade porque são judeus, mas só significam como esse objeto sublime que é o judeu, porque foram simbolizados como o mal da sociedade.

Dessa forma, segundo Žižek, é através da cadeia de significantes que a ideologia se dá, uma vez que haja um significante mestre¹² com a capacidade de significar e transferir seu significado a outros significantes. Tomemos como exemplo de significante mestre o comunismo (ŽIŽEK, 2008, p.113): a partir dele, significantes como Estado, paz e liberdade ganham significado, mas um significado diferente de quando estão sob perspectiva do significante mestre democracia, por exemplo. É neste ponto que se pode localizar a lógica da transferência¹³ no sentido zizekiano, uma vez que ela é responsável por uma ilusão que consiste em fazer parecer que o significado que foi retroativamente determinado pela intervenção do significante mestre nos objetos sempre estivesse neles de forma intrínseca.

Contudo, o filósofo pontua que o significado é uma função do outro (ŽIŽEK, 2008, p.113), uma vez que ele está localizado no ponto de captação¹⁴, que é onde os indivíduos recebem os significados dos objetos. Ele é o lugar onde se coloca para o sujeito a questão de sua existência e sua história, já que “o sujeito aparece primeiro no outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do outro, e no que ele representa o sujeito para um outro significante” (LACAN, 1985, p. 213). Sendo assim, é o outro que imprime identidade ao sujeito a partir de seus significantes, mas uma identidade relativa, sempre em relação a algo de fora, de maneira que o sujeito não é aquilo que o significante aponta para ele, de

¹² O significante-mestre é um conceito lacaniano que é utilizado por Žižek no sentido de ser “[...] o conjunto de regras fundadas apenas em si mesmas (“é assim por que é nosso costume.”) (ŽIŽEK, 2011, p. 41). Para ele o significante-mestre é o que preenche a lacuna entre S_1 e S_2 , ou seja, o que preenche a lacuna na série de significantes comuns.

¹³ Já no sentido Lacaniano, a transferência faz alusão ao *Übertragung*, termo utilizado por Freud na *Interpretação dos sonhos* “para designar o transporte de uma situação original — de um desejo de morte originário, no caso — para uma situação atual. Um voto análogo, homólogo paralelo, similar de uma forma qualquer, se introduz para fazer reviver o desejo arcaico em questão” (LACAN, 2016, p. 67). Nota-se o esforço de Žižek em deslocar a característica de reviver situações e desejos do termo transferência de Lacan para a de transferir o significado aos significantes em sua teoria.

¹⁴ Em Žižek (ŽIŽEK, 2011, p. 48) o ponto de captação é o lugar de intervenção do significante-mestre, que impõe ordenamento ao mundo, onde uma decisão que envolve uma multiplicidade confusa é reduzida violentamente a uma diferença mínima (sim e não).

forma que ele apenas se encontra nesses significantes. Todavia, Žižek articula com o conceito de outro no âmago do corpo social, de modo que em sua teoria ele é o regulador da ordem social, sobretudo em uma conjuntura tão atonal quanto as das sociedades atuais, isto é, onde os indivíduos se fecham cada vez mais em seus círculos e em suas vidas privadas, o que é agravado pela questão da internet e da vida virtual. Dessa forma, o outro pode ser entendido como uma entidade virtual que existe apenas pelo pressuposto do sujeito, portanto imaterial, como o conjunto de regras sociais neutras que permitem a cada um dos indivíduos contar sua própria história com todo o peso de sua subjetividade, e garante que essa subjetividade não transpasse para os outros, de modo que quanto mais os indivíduos se tornam atomistas, mais precisam de uma imagem do outro para regulamentar a distância que mantêm dos outros.

O outro opera no nível simbólico, que é o espaço onde o indivíduo pode se medir e se comparar em relação as regras conscientes e inconscientes às quais ele é submetido. Por isso, ele pode, personificado como um agente único (ŽIŽEK, 2010, p. 17), que olha pelos e para os sujeitos, que é uma causa que os envolve, fazer com que todas as relações entre indivíduos (pequenos outros) sejam mediadas por ele. Contudo, o outro é uma agência puramente virtual, que só existe na medida em que os sujeitos agem como se ele existisse, em outras palavras, ele se compara com noções como comunismo ou nação, nas quais os indivíduos se reconhecem, que são o horizonte de todo significado e o fundamento da existência deles, mas que não existem objetivamente, mas no seu lugar estão apenas os indivíduos e suas atividades, de modo que as noções apenas existem porque os indivíduos acreditam e agem de acordo com elas.

É esse outro quem estrutura o desejo, mas também é ele que confronta o sujeito com o fato de que ele não sabe realmente o que deseja, de forma que Lacan (1998, p. 829) pontua que “Eis porque a pergunta do Outro, que

retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada com um *Che vuoi?* — que quer você?”. Este confronto evidencia ao sujeito o abismo que existe entre ele e o outro, já que o outro é aquilo que é radicalmente diferente do indivíduo, mesmo que seja ele que garanta a identidade dele. Por isso que, segundo Žižek (2008, p. 128), a fantasia é uma resposta ao *Che vuoi?*, é o meio pelo qual o sujeito pode enfrentar o encontro perigoso com o desejo do outro. Essa resposta diz respeito à característica de a fantasia ensinar aos indivíduos como desejar, de modo que em seu nível mais fundamental ela diz o que o sujeito é para os outros. Sendo assim, a resposta oferecida pela fantasia, segundo Žižek, não é simplesmente a pergunta “que quero eu?”, mas sim a “o que querem os outros de mim?”, e isso em uma lógica equivalente a resposta para “Você está me dizendo isso, mas o que realmente quer me dizendo isso?”. A fantasia não age mostrando ao sujeito o objeto que deve ser desejado, mas sim em um nível anterior, no âmago do desejo, no qual oferece ao indivíduo o conhecimento e a certeza de seu desejo.

Ainda de acordo com Žižek (2010, p. 67), por intermédio da ideologia, o sujeito é privado até de sua experiência subjetiva mais íntima, da fantasia fundamental que constrói e garante o cerne do seu ser, sendo que ele nunca pode experimentá-lo ou assumi-lo. Ou seja, o indivíduo não é regulado por mecanismos externos, uma vez que sua subjetividade é determinada pela sua experiência com a realidade através da fantasia. Contudo, se o sujeito for privado da fantasia que regula sua experiência de realidade, emerge o inconsciente, que é, em seu aspecto mais radical, um fenômeno inacessível. Dessa forma, deve ser afirmado que o que caracteriza a subjetividade humana é o hiato que separa o inconsciente e a fantasia, é o fato de que a fantasia, em seu nível mais fundamental, torna-se inacessível ao sujeito, tornando-o vazio.

4. CIVILIDADE E O SUJEITO VAZIO

Dessa forma, a fantasia, enquanto ideologia, subverte a subjetividade, fazendo o intermédio entre os sujeitos e suas percepções de mundo, de forma que eles ficam privados de suas experiências interiores. A partir disso, pode-se entender de forma mais clara o que o autor esloveno chama de gesto vazio (ŽIŽEK, 2010, p. 21), que é aquilo que o sujeito faz somente porque, por intermédio da ideologia, acha que é o certo e imprescindível a ser feito. Para Žižek, um exemplo de gesto vazio é um oferecimento feito para ser rejeitado. Segundo ele, tais gestos são uma troca simbólica em sua forma mais pura, na qual há um ganho nítido de ambas as partes, tanto a que domina quanto a que é dominada, mesmo que os dois terminem na mesma posição de onde começaram. Esta troca simbólica se dá precisamente no nível da linguagem, uma vez que, segundo Lacan (1998, p. 277), “é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas”. Žižek ainda pontua que o pertencimento a uma sociedade envolve paradoxalmente que cada indivíduo incorpore, em menor ou maior grau, esses gestos vazios. Sendo assim, temos que abraçar livremente aquilo que nos é imposto: devemos amar nossos pais, nossa religião e nosso país, é um paradoxo de querer livremente nossas obrigações. Ora, os gestos vazios como códigos de conduta social, como atos de civilidade, nada mais são do que a ideologia em seu aspecto mais puro de reguladora dos indivíduos e de suas relações sociais. Regulação que acontece através da simbolização e que se dá sobretudo por intermédio da linguagem.

A partir da relação existente entre os conceitos de ideologia e civilidade através dos gestos vazios é que fica explícito o caráter cínico da ideologia para Žižek. Segundo Silva (2013, p. 264), para Žižek “o cinismo é a ideologia de uma época na qual o poder não teme a crítica que desvela seu mecanismo, pois o poder aprendeu a rir de si mesmo, permitindo revelar o segredo de seu

funcionamento e continuar funcionando como tal”. Para a autora, o cinismo é um tipo de consciência que desvelou os pressupostos que determinavam um agir alienado e que é capaz de justificar racionalmente este agir, o que faz com que não seja possível subverter a consciência cínica através da crítica à ideologia. O cinismo, em Žižek, é uma estrutura paradoxal na qual lei e transgressão não se separam, de forma que as denúncias não servem para desqualificar os paradoxos nos discursos ideológicos. O filósofo afirma (ŽIŽEK, 2003, p. 89) que no nosso “universo pós-ideológico” executamos nossos mandatos simbólicos sem admiti-los e sem levá-los a sério. Em outras palavras, para o autor, na contemporaneidade, mesmo que os indivíduos zombem e pensem não acreditar em suas crenças, eles continuam a praticá-las e a apoiar-se nelas com a estrutura oculta de suas práticas diárias. Um exemplo disto (ŽIŽEK, 2010, p. 40) é quando se pergunta a algum supersticioso sobre suas crenças e ele responde negativamente: “claro que não, não sou tão bobo assim, mas me contaram que...”. Este exemplo trivial mostra como não é necessário acreditar em algo desde que este algo seja transferido para outrem¹⁵, mesmo que esse outro seja uma figura impessoal, não especificada e que não é parte da realidade, “Dizem que... Diz-se que...”. Outro exemplo utilizado por Žižek demonstra como a negação da ideologia funciona (ŽIŽEK, 2010, p. 41):

Niels Bohr, que havia respondido pertinentemente ao “Deus não joga dados” de Einstein (“Não diga a Deus o que fazer!”), forneceu também o exemplo perfeito de como a negação fetichista da crença funciona na ideologia. Vendo uma ferradura sobre a porta da casa de Bohr, um visitante surpreso observou que não acreditava na superstição de que isso dava sorte. Bohr retrucou: “Eu também não; pus a ferradura aí porque me contaram que isso funciona, mesmo que a gente não acredite!”.

¹⁵ Pode-se entender, em Žižek, que a crença é transferida para o Outro, uma vez que em sua teoria ele é o sujeito que olha para e pelas relações sociais de fora, de forma a coordená-las. Por conta disto que o esloveno exerga o totalitarismo por esse viés: para ele um totalitarista ama a humanidade e a civilização, mas mesmo assim promove coisas horríveis pois esse é seu dever para com o progresso da humanidade, uma vez que ele assume a “atitude perversa de adotar a posição de puro instrumento da Vontade do grande Outro: não é minha vontade, não estou realmente fazendo isso, sou apenas um instrumento da Necessidade superior” (ŽIŽEK, 2010, p. 41).

Além de demonstrar como funciona o ceticismo para com a ideologia, o filósofo esloveno demonstra também, com estes exemplos, como funciona a transferência da crença à cultura, tendo em vista que não se acredita realmente, mas sim apenas se segue rituais comportamentais como parte de um respeito a um estilo de vida, a uma comunidade a que se pertence ou das tradições nas quais se está inserido. Quando se acredita por meio de outrem está se realizando uma atividade que diz respeito a sentimentos e crenças íntimas, porém sem mobilizar esses estados particulares. Por conta disso, esta transferência culmina em uma falsa identidade imaginária, pois o sujeito adquire para si características e experiências que não são realmente dele, já que foram transferidas para outrem. Isto é, o sujeito se vê pertencente a uma realidade e detentor de uma identidade em que está livre da ideologia, já que ela foi transferida para outrem. Entretanto, mesmo que o sujeito se veja fora do alcance da ideologia, ele ainda acredita nela, e isso faz com que a identidade e a percepção do sujeito se estruturam de forma difusa, onde o sujeito não consegue perceber a relação existente entre as ideologias e a sua própria fantasia imaginária de identidade. Por conta disso, a frase de Lacan “a verdade tem a estrutura de uma ficção” (*apud* ŽIŽEK, 2010, p. 44) tem total sentido na teoria zizekiana, uma vez que a verdade do indivíduo, que é não acreditar nas ideologias, é puramente uma ficção simbólica que passa a estruturar a sua realidade.

Isso implica no fato de que para o pleno funcionamento da ordem simbólica, importa mais a máscara social do que a realidade direta do sujeito que a utiliza. A principal consequência desse cinismo, para o esloveno (ŽIŽEK, 2003, p. 105), é o desaparecimento da subjetividade dos sujeitos, que se transforma num capricho fútil. Ele faz tal afirmação porque o cinismo colabora para que o sujeito, que antes tinha suas ações voltadas para o exterior, para o âmago social, esteja engajado a se reinventar em novas formas de práticas subjetivas, tornando a própria subjetividade uma esfera

completamente objetificada e mercantilizada, uma vez que a fuga para a esfera privada é feita através das fórmulas propagadas pela indústria cultural. Assim sendo, é possível, para ele, afirmar que o sujeito deixa de existir e dá espaço ao Outro que passa a existir em seu lugar. Žižek exemplifica (2010, p. 33) essa tomada de lugar com a roda de orações do Tibete: prende-se na roda um pedaço de papel no qual está escrita uma prece, de modo que, quando a água ou o vento fazem a roda girar, ela está rezando no lugar do sujeito.

É a partir da noção dessa subjetividade objetificada que a civilidade age nos sujeitos de forma a incutir-lhes o desejo do Outro através da boa educação.¹⁶ Isto porque, para Žižek (2011, p. 37), a civilidade “é a reflexividade mínima do desejo, sua demanda “terrorista”: quero não só que você faça o que quero, como também que o faça como se realmente quisesse fazê-lo; quero regular não só o que você faz, como também seus desejos”. Dessa maneira, em Žižek, a civilidade é a boa educação, é também os atos de fingir querer fazer aquilo que o outro (e o Outro) quer que seja feito, de modo que a complacência pelo desejo do outro não exerça influência sobre o indivíduo. É um conjunto de regras que devemos obedecer mesmo sem ser ordenados a fazê-lo. É também uma atitude subjetiva de respeito pelos outros como agentes livres e autônomos e de considerá-los como iguais. Ela é a frágil substância do espaço social de liberdade individual, sendo que se ela se desintegrar este espaço sofre o mesmo. Todavia, ela também está no terreno intermediário entre as fantasias privadas e descontroladas que não são reguladas pela moral ou por um âmbito legal — ou seja, não se pode punir moral ou legalmente uma pessoa que é má educada — e as formas reguladas de comportamento intersubjetivo.

Contudo, a questão teórica da civilidade que nos interessa aqui é que ela necessariamente tem que ser sustentada pelo fingimento, de forma que a

¹⁶ A boa educação, para Žižek, está relacionada com a polidez no trato formal entre os indivíduos, é a maneira predominante de manter distância do próximo invasivo. Por isso, para ele, o verdadeiro ato de amor e/ou amizade é o direito de dizer o que pensa ao próximo, superando a barreira da boa educação, mesmo que isso corresponda a magoá-lo.

verdadeira civilidade não é a obrigação disfarçada de ato livre e sim o ato livre disfarçado de obrigação (ŽIŽEK, 2011, p. 39). Desse modo, a civilidade age na subjetividade dos indivíduos moldando-os de dentro para fora, fazendo com que a subjetividade que já era objetificada também tenha um comportamento padronizado para ser seguido. Segundo Žižek, a vida pública na qual se opera com um agente simbólico e que não pode ser reduzido a um indivíduo privado está desaparecendo para dar lugar a um processo de renaturalização¹⁷ sem precedentes, na qual todas as questões públicas são traduzidas em atitudes idiossincráticas naturais ou pessoais. Dessa forma, a ideologia tem um papel muito mais de desidentificação do que agregadora de identidade, uma vez que ela age no âmago da identidade do indivíduo de várias formas, fazendo com que ele incorpore diversas identidades em um nível imaginário, mas que não se identifique com elas por ser um sujeito vazio. Segundo Žižek (2011, p. 209):

[...] devemos inverter a noção padronizada de que a ideologia oferece uma determinação firme a seus sujeitos, restringindo-os aos “papéis sociais”: e se num nível diferente, mas não menos irrevogável e estruturalmente necessário, a ideologia for eficiente exatamente por construir um espaço de falsa desidentificação, de falsa distância das coordenadas reais da existência social do sujeito? Não é essa lógica de desidentificação discernível desde o caso mais elementar do “Não sou apenas um (marido, operário, democrata, homossexual...) norte-americano, mas por trás de todos esses papéis e máscaras sou também um ser humano, uma personalidade complexa e única” (em que a própria distância da característica simbólica que determina meu lugar social garante a eficácia dessa determinação) [...].

A inversão que a ideologia sofre em Žižek é o movimento do sujeito de ceder seu lugar para o Outro, causando a desidentificação justamente pela busca interior de subjetividade. O sujeito se fecha para o mundo ao seu redor,

¹⁷ Žižek fala em renaturalização porque ele enxerga nas sociedades atuais a tendência de exprimir o ser humano como algo extremamente desnaturalizado, isto é, nenhuma identidade ou característica é natural ao ser humano, mas sim um processo de histórico. Para ele essa tendência é falsa (ŽIŽEK, 2010a, p. 13).

o que faz com que ele se torne cada vez mais atonal e não perceba que as ideologias agem de tal maneira que criam um molde para sua subjetividade. Portanto, fica claro o porquê de, para Žižek, a ideologia funcionar em um nível não ideológico e espontâneo (ŽIŽEK, 1995, p. 15), que colabora com a característica da ideologia de tornar possíveis e reproduzir as relações sociais, uma vez que é ela que (através desses mecanismos não ideológicos que são materializados em crenças e práticas que são inerentemente ideológicas) é responsável pela organização das sociedades atuais.

5. CONCLUSÃO

As características que Žižek transfere da noção de fantasia de Lacan para seu conceito de ideologia são as de ela ser o lugar no qual o desejo se abriga, além de ser o aparato que permite ao sujeito incluir o desejo em sua experiência de realidade e se afastar do trauma do real. Desta maneira, a ideologia, no sentido zizekiano, se dá como uma fantasia social, uma máscara que age nos níveis do imaginário, dizendo ao sujeito qual a sua identidade, e do simbólico, organizando e estruturando a realidade social, de forma que é ela que articula toda a experiência de realidade dos indivíduos. Uma das principais características dessa ideologia é a noção de cinismo, que, para o autor, é o que permite que mesmo que o funcionamento e as contradições do discurso ideológico sejam explícitos e conhecidos por todos, ele continue a ser hegemônico.

O cinismo possibilita que a ideologia molde os desejos dos indivíduos de dentro para fora, através da civilidade, que, segundo o esloveno, é a regra que não foi ordenada, é aquilo que se deve querer fazer, que não pode ser forçado mesmo que seja antinatural, que possibilita a manutenção do convívio social e que toma forma a partir da boa educação. O cinismo e a civilidade agem na subjetividade dos indivíduos, o que faz com que os sujeitos contemporâneos

não percebam a ideologia, e permite que nada seja mais ideológico do que algo não ideológico. Dessa forma, a subjetividade dos sujeitos contemporâneos se encontra objetificada, a partir do movimento de surgimento do Outro em detrimento da própria subjetividade, que está diretamente relacionado com a passagem das crenças e identidade dos indivíduos para esse Outro. Portanto, o domínio ideológico não precisa mais ser baseado em enganação e desconhecimento, em fazer os sujeitos acreditarem em algo, mas sim em moldar suas características, sobretudo as mais individuais, para que eles continuem a obedecer e a defender a lógica de funcionamento da sociedade e seu discurso ideológico.

Sendo assim, não seria possível uma sociedade sem ideologia, uma vez que é ela quem faz o intermédio entre os desejos dos indivíduos e dos outros, através da instância do Outro, permitindo que os outros sejam percebidos com seres autênticos e livres, além de ser aquilo que confere aos indivíduos suas experiências de realidade sem o risco do encontro com o núcleo traumático do real. Entretanto, a ideologia também tem a capacidade de desintegrar o sujeito e transformá-lo em algo vazio, sem forma, identidade ou subjetividade, deixando espaço para o desejo do Outro. A ideologia no sentido zizekiano ensina o sujeito a desejar, ou, em outras palavras, ensina ao sujeito como ser um sujeito, de forma que é a ideologia que permite a simbolização do mundo para o indivíduo e, sem ela, o que restaria seria apenas o núcleo traumático do real, o que confere à ideologia o *status* daquilo que mantém o edifício social em equilíbrio.

* * *

Referências

GÁRCIA, G. I.; SÁNCHEZ, C. G. A. *Psychoanalysis and Politics: the theory of ideology in Slavoj Žižek*. **IJŽS**, v. 2, n. 3, 2008.

JURANVILLE, A. **Lacan e a Filosofia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

LACAN, J. **O Seminário Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. Função do campo de fala e da linguagem em psicanálise in: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose in: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

LACAN, J. Kant com Sade in: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Tradução de Marie Laznik Penot e Antônio Quinet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, J. **O Seminário Livro 6: O Desejo e suas Interpretações**. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SILVA, A. C. N. A Estetização da Ideologia Cínica. **Kinesis**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 261-272, dez. 2013.

ŽIŽEK, S. **Mapping Ideology**. Londres/Nova York: Verso, 1995.

ŽIŽEK, S. **Bem-Vindo ao Deserto do Real!** Cinco Ensaios Sobre o 11 de Setembro e Datas Relacionadas. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

ŽIŽEK, S. **The Sublime Object of Ideology**. Londres/ Nova York: Verso, 2008.

ŽIŽEK, S. **Como Ler Lacan**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, S. **Em Defesa das Causas Perdidas**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

Recebido 12/04/2022

Aprovado 07/12/2022

Licença CC BY-NC 4.0

